

MUSEU DE ARTE MODERNA, RIO DE JANEIRO, RJ,

25 DE JUNHO DE 2002

O que nos traz aqui hoje é, ao mesmo tempo, uma utopia e uma realidade. É, ao mesmo tempo, um sonho e uma experiência real.

Um sonho tomou forma em Estocolmo, em 1972, e pouco a pouco foi ganhando contornos mais concretos. A Suécia teve, e continua a ter, um papel destacado de liderança na construção dessa nova perspectiva para a humanidade.

E quero prestar homenagem, aqui, na pessoa do Primeiro-Ministro Göran Persson, a essa atuação da Suécia, que sempre tem estado ao lado das boas causas no plano internacional.

No Rio de Janeiro, em 1992, o sonho floresceu e ganhou um nome: o do desenvolvimento sustentável.

Para o Brasil, isso foi uma honra e uma grande responsabilidade. Procuramos contribuir com o melhor de nossos esforços, na Rio-92 e nos trabalhos que a sucederam, para a realização desse ideal.

Agora, chegamos àquilo que a imaginação burocrática batizou como “Rio+10”.

Por isso estamos aqui reunidos: para simbolizar que o mesmo espírito que nasceu em Estocolmo e floresceu no Rio deve, agora, chegar fortalecido e com novo ímpeto a Johannesburgo.

Agradeço a presença, nesta cerimônia, dos representantes das Nações Unidas.

A Conferência do Rio, que foi essencialmente uma obra das Nações Unidas, marcou um momento histórico, um momento no qual a comunidade internacional compreendeu que, se o problema era complexo, a necessidade de solução era urgente. Era preciso olhar de frente aquela complexidade e arregaçar as mangas para um trabalho construtivo.

Desde 1992, as dificuldades do desenvolvimento sustentável e da proteção do meio ambiente não diminuíram. Temos hoje, diante de nós, desafios tão importantes como os que se impunham há dez anos, desafios como o de avançar na luta contra a pobreza, como o de reforçar a proteção das florestas, o de combater a desertificação, o de transferir tecnologias limpas e ambientalmente saudáveis, o de enfrentar a questão das alterações climáticas, hoje uma realidade cientificamente incontestável; ou como o de assegurar uma resposta solidária e mais eficaz aos problemas da globalização assimétrica.

No comércio e nas finanças, Doha e Monterrey significaram avanços, embora modestos, e suscitaram esperanças, embora limitadas.

Johannesburgo deverá significar um passo adiante. Deve representar um sinal de que a comunidade internacional é capaz de mobilizar a vontade política para decisões difíceis, mas necessárias.

É nosso dever, como líderes de nossos países, fazer um chamado a todos os membros da comunidade internacional, para que assumam suas responsabilidades na solução dos problemas que nos afligem coletivamente. Esse esforço coletivo traz em si a essência de uma nova consciência global, consciência que só pode aprofundar-se e converter-se em prática mediante o exercício paciente do diálogo multilateral.

Não se conhece, no convívio entre Estados soberanos, modelo mais democrático e inclusivo que o multilateralismo. Foi a soma das vontades e das vozes de toda a comunidade internacional, incluindo as con-

tribuições da sociedade civil, que nos trouxe nesta trajetória de Estocolmo ao Rio e, agora, nos levará do Rio a Johannesburgo.

E será fundamental, como já tem sido, a liderança do Presidente Thabo Mbeki e do Governo sul-africano.

Para o Brasil é uma alegria e uma satisfação que esse encontro histórico tenha lugar no continente africano, na África do Sul.

Temos laços históricos importantíssimos com a África. À África devemos boa parte de nosso desenvolvimento, de nossa cultura, de nossa forma de ser. À África iremos, em agosto e setembro, para tornar viável um novo padrão de desenvolvimento, uma nova forma de ser, para dar novo impulso à chama da sustentabilidade.

A nova sede dos esforços conjuntos da comunidade internacional para a continuação do legado do Rio não poderia estar, assim, em melhores mãos.

Desejo toda sorte ao meu amigo Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, aqui presente, nesse novo capítulo que ora se inicia nas deliberações internacionais sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Estou seguro de que, sob a liderança de Vossa Excelência, o espírito nascido em Estocolmo e fortalecido no Rio de Janeiro tomará novo alento durante a Cúpula de Johannesburgo. Lá voltaremos a nos debruçar sobre algumas das questões mais importantes de nosso tempo. Avaliaremos os resultados já alcançados desde 1992. Dirigiremos o olhar para o que falta fazer, e sabemos que não é pouco. Definiremos prioridades.

No Rio de Janeiro, adotamos uma Agenda 21. Agora, já estamos agindo no século XXI.

Buscamos um novo compromisso, uma nova parceria em prol de nosso futuro comum, um futuro melhor e mais solidário para todos os povos.

A hora é esta.

Muito obrigado.